



A FACE DA FACE. O primeiro olhar vai direto no olhar. Invadindo uma sala de espelhos ancestral. Feita de olhos e de almas. De troca de reflexos e reflexões. Nos olhos todos os movimentos da alma. Nas almas todos os movimentos dos olhos. Se o horror está fora, os olhos filtram. Se o medo está dentro, se esvai pelos olhos. No olho se manifesta a dualidade do fogo e da água. Da razão e do sentimento. Da luz e da penumbra. Da acuidade e da intuição. É o órgão do prolongamento. De si mesmo. E do outro. Da possibilidade de conexão com os interiores. De um contato direto. Indireto. Que não mente. Porque tudo pode mentir menos o fundo do olhar. No momento da fusão, da emoção, o olho que vê se transforma no mesmo olho que é visto. Por estarem situados na parte superior do corpo, a mais próxima do céu, os olhos sempre foram imaginados como expressões de forças impenetráveis. Caminhos únicos e necessários do conhecimento e para o conhecimento. A representação do olhar é muito antiga. A ação do olhar que multiplica o olhar pode ser localizada em todas as culturas. Da Mesopotâmia à Grécia, do Egito à Índia. Da estética do Mediterrâneo foi legada aos cristãos. Ao imaginário ocidental. O olhar simboliza uma variedade quase infinita de atributos do humano. E também do divino. Do inescrutável. De forças poderosas. Boas e más. Pode atuar de maneira ativa ou passiva. O olhar da Medusa petrificava quem a fitasse. O olhar de Narciso auto-erotiza. O mau-olhado é uma crença disseminada entre vários povos. A inveja tem sua raiz na palavra latina para olhar intenso. *Invidere*. Que pode até mesmo ser o de uma divindade. A acuidade máxima do olhar pode se materializar na cegueira. Quando o olhar volta-se inteiramente para dentro. Quando a matéria não mais se coloca como obstáculo à visão dos abismos interiores do homem. Quando o terceiro olho atua na pura intuição. É o olhar de Tirésias. O da cegueira de Édipo. Do poeta. Do vidente. Na iconografia ocidental a alma sempre é captada através dos olhos. Em sua configuração a cultura cristã privilegiou o espírito em detrimento da matéria. O que levou à busca de uma estética de quase total desmaterialização do corpo. Ele foi formalizado. Tornou-se abstrato. Enquanto isso os olhos surgiam



enormes. Iconizados. Deus, a Virgem, os santos, e mesmo personagens secundários expressavam a espiritualidade pelo olhar. Mas essa estética é anterior ao cristianismo. Há uma linha de olhares que se manifesta primeiramente no Egito. Na região de Fayum. Nos primeiros séculos de nossa era. Em retratos de mortos. De múmias. Retratos que deveriam perpetuar a memória dos ausentes no dia-a-dia. Neles, grandes olhos fixam o vazio. Distanciam-se. Embora sobre rostos naturalistas, desvendam o caminho para o imaterial. Para o espírito. Mesmo quando o retrato se afastou de uma metafísica explícita, tornou-se temperamento, psicologia, individualidade, materialidade do poder, o olhar se manteve. Como uma estrutura de inteligibilidade. Do século XIV ao XX. Mas longe das mutações do terrestre Deus pode aparecer representado por um olho. Dentro de um triângulo. Deus é luz. A opacidade é satânica. O olhar é luz. Fonte da vida. O olho é o próprio sol. O olho do deus Hórus.

O signo do despertar. No Nepal, o – surge como dois olhos imensos. O olho é o ovo cósmico. Na mitologia, os olhos são lagos onde os seres do submundo espiam o que de dragões, de sereias, de ninfas



Buda – o que está acordado nas paredes dos templos. O Olho, os olhos são lagos onde os acontece na superfície. Olhos têm poderes mágicos. Os

olhos das serpentes não piscam, não têm pestanas. Enfeitiçam. Medusam. E deixam o homem sem poderes. Íris é a mensageira dos deuses. Leve, rápida, alada, é o arco-íris. Ligando o céu e a terra. Argus, guardião da deusa Hera, tem seu corpo coberto de olhos. Arguto. Mas o olhar é também a razão. Na iconografia da Revolução Francesa, o olho significa a racionalidade, o controle e a ordem. De uma mística a outra, de uma mitologia a outra, o olhar é sempre fonte ou expressão de um conhecimento. Seja dos sentidos, do intelecto ou do sentimento. Na foto, o olhar do fotógrafo busca sua própria ação no olhar captado. No olhar do observador o espelho do espelho do espelho. Ao infinito. O chamamento do desconhecido. Do humano. Nessa apreensão do humano, os olhos estão para o rosto como o rosto está para o corpo. São a face da face.